



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da obra de ampliação da pista de pouso e do
pátio de aeronaves do Aeroporto de Petrolina Senador Nilo Coelho**

Petrolina-PE, 11 de novembro de 2004

Meu caro Jarbas Vasconcelos, governador do estado de Pernambuco,
Meu caro Humberto Costa, ministro de Estado da Saúde,
Meu caro Eduardo Campos, ministro de Estado da Ciência e Tecnologia,
Meu caro Edson Vidigal, presidente do Superior Tribunal de Justiça,
Meu caro José Mendonça Bezerra Filho, vice-governador do estado de
Pernambuco,

Meu caro Amauri Dimarzio, secretário-executivo do Ministério da
Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu caro Fernando Bezerra Coelho, prefeito de Petrolina,

Meu caro Joseph Bandeira, prefeito de Juazeiro,

Demais prefeitos aqui da região,

Meu querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meus companheiros deputados federais,

Deputados estaduais,

Vereadores,

Empresários aqui presentes,

Meus amigos, minhas amigas,

Secretários do estado de Pernambuco,

Meus amigos e minhas amigas,

Meus companheiros da imprensa,



Desnecessário seria eu repetir, aqui, coisas que disseram o ministro Eduardo Campos e o presidente da Infraero, nosso companheiro Carlos Wilson.

Eu já disse que para governar um país do tamanho do Brasil, com os problemas acumulados ao longo de tantas e tantas décadas, era preciso que a gente tivesse muita paciência. Muita, mas muita paciência para não permitir, em nenhum momento, que a pressão ou a afoiteza de alguns fizesse com que o governo tomasse medidas precipitadas que, talvez, não dessem certo.

Muitas vezes, a imprensa até brincou, porque eu utilizava muito a palavra “paciência”. E paciência a gente só aprende a ter quando tem mais responsabilidade, quando a gente sabe que as nossas atitudes podem trazer prejuízos para outras pessoas que, muitas vezes, não têm nada a ver com aquilo que nós decidimos.

E eu tenho, há muito tempo, na cabeça, que o Brasil precisa se dar uma chance. Embora tenha sido o país que mais cresceu no mundo – de 1950 a 1980 cresceu à média de 7% ao ano – o Brasil não conseguiu fazer com que essa riqueza fosse distribuída de forma justa para todo o seu povo. Mais ainda: nessa época, nós não conseguimos fazer com que o crescimento pudesse se espalhar pelo Brasil e atender, de forma mais ou menos equânime, todas as regiões brasileiras. Algumas regiões foram mais privilegiadas do que outras. E, por que não dizer, algumas regiões do Brasil foram totalmente esquecidas.

E eu penso que isso só aconteceu porque, muitas vezes, o político brasileiro não consegue pensar o Brasil para 20 ou para 30 anos. Normalmente, as pessoas trabalham pensando apenas no seu mandato. Como o mandato de presidente é de quatro anos e, no meio do seu mandato, ele ainda tem uma eleição para prefeito, isso significa que, se a gente for analisar bem, o prefeito, o governador ou o presidente termina dedicando, dos quatro anos que tem, praticamente um ano e meio para se preocupar com as eleições nesse período.



Se pensássemos o Brasil para 20 ou 30 anos, embora o mandato seja de quatro anos, e se os projetos fossem construídos de comum acordo com o pensamento da sociedade brasileira, de forma coletiva, nós teríamos a certeza de que, independentemente de quem estivesse no governo, os projetos teriam conclusão, porque a cada presidente, prefeito ou governador eleito haveria seqüência e, também, porque no Orçamento estariam previstos os recursos, a cada ano, para serem aplicados nas obras idealizadas.

Mas não é assim que funciona o Brasil. O Brasil deixou de ter política industrial porque entendia-se que o Brasil não deveria ter projeto de política industrial. E nós não só defendemos que tem que ter, como mandamos o projeto para o Congresso Nacional para ser votado. Somente agora o Senado Federal vai aprovar um projeto de política industrial.

E esse projeto de política industrial leva em conta uma região chamada Nordeste brasileiro, que precisa, de uma vez por todas, ter um projeto de desenvolvimento que não seja tido como favor pelos estados que já têm todas as vantagens comparativas, em relação ao Nordeste brasileiro: já têm mão-de-obra mais qualificada, já têm mais estradas, já têm mais portos, já têm mais aeroportos, já têm mais distribuição de renda, já têm mais financiamento.

Então, o papel do Estado é tentar pensar no todo mas, ao mesmo tempo, dentro desse todo, privilegiar aquelas partes que mais necessitam do Estado brasileiro. É por isso que estamos aqui, em Petrolina, inaugurando a extensão de uma pista que vai permitir que aviões, dos maiores que existem no mundo, possam sair daqui não apenas carregado de frutos, porque seria pouco pensar que uma região rica como essa só pode produzir frutas. É preciso, a partir do aeroporto, criar um pólo de desenvolvimento em torno desse aeroporto para que os aviões não tenham que ir a São Paulo buscar cargas, mas que possam sair daqui diretamente para a Europa ou para os Estados Unidos e fazer com que parte das riquezas do Nordeste seja produzida com alta tecnologia, porque é isso que coloca valor agregado nas coisas que nós



exportamos, e é isso que gera empregos de qualidade para uma juventude cada vez mais exigente, cada vez mais bem informada e cada vez mais esclarecida sobre a situação do país.

E quando eu disse que era preciso ter paciência, é porque aqui neste palanque, com raríssimas exceções, todo mundo já foi eleito para alguma coisa. Aqui tem governador, tem prefeitos, várias vezes prefeitos, e todo mundo sabe que o primeiro ano de governo é o ano mais difícil de qualquer governante. Só quando ele é reeleito é que o primeiro ano da reeleição não pode ser o mais difícil, porque ele preparou. Mas, quando ele ganha o mandato, é o primeiro ano. Por quê? Porque o orçamento foi feito com base nas prioridades do governo anterior, porque as prioridades foram definidas sobre uma lógica diferente da que você pretende definir. Mas ao mesmo tempo em que é o ano mais difícil, do ponto de vista financeiro, é o mais fácil de se fazer as coisas, porque depois de eleito você tem muita credibilidade, tem cacife eleitoral, portanto, você pode fazer todas as mudanças possíveis. O que você não pode gastar de dinheiro, você pode gastar de gordura política fazendo as mudanças e os arranjos que a cidade precisa, que o estado precisa e que a nação precisa.

Pois bem, nós estamos completando 22 meses de governo. Eu posso dizer para vocês que este país finalmente encontrou o caminho do desenvolvimento. Não aquele desenvolvimento que se chama “vôo de galinha”, aquele que cresce um ano e decresce no ano seguinte; aquele que cresce num ano e decresce no outro ano. Não. Nós achamos que o Brasil precisa da chance de ter um ciclo de crescimento sustentável e que possa haver uma combinação entre o crescimento econômico do país e uma justa distribuição de riqueza no país com investimentos, também, distribuídos de forma justa pelo Brasil inteiro.

É por isso meu caro Fernando Bezerra, meu caro Governador, que é com muito orgulho que posso dizer que, nesses 12 meses de governo, as



vendas da indústria brasileira cresceram mais 15,63% em comparação com o ano passado. É por isso que eu poderia dizer para vocês que a massa salarial cresceu, nos últimos 12 meses, 11,09%, numa demonstração de efetivo começo de distribuição de renda no Brasil. E é por isso que posso dizer que o número de empregos com carteira profissional assinada no Brasil, que cresceu nos 9 meses de 2004, possivelmente é maior, hoje, do que foi o crescimento no melhor momento do Plano Real, em 1996.

E esses dados não são do governo, esses dados são da CNI e do IBGE. E eu os estou citando para poder garantir para vocês que os pessimistas, inclusive os de dentro do governo também, que diziam que a economia este ano só ia crescer 3%, devem agora estar procurando explicações, porque nós vamos crescer 4,5% ou mais que 4,5% este ano.

Queremos crescer mais no próximo ano e mais em 2006, para que o Brasil possa ter, definitivamente, a certeza de que nós vamos ter alguns anos de crescimento, para que a gente possa recuperar a dívida social que este país acumulou, ao longo de mais de 40 ou 50 anos, com o povo brasileiro.

E isso passa pelo desenvolvimento do Nordeste. Daí a importância de se levar em conta, meu caro Prefeito, a irrigação do Nordeste. Uma irrigação que precisa, definitivamente, ser levada a sério por nós e por todos aqueles preocupados com o desenvolvimento da agricultura brasileira.

A nossa prioridade para com o Nordeste brasileiro é para resgatar uma dívida histórica, é para fazer com que o Nordeste brasileiro não seja visto pelo restante do país apenas como o exportador de pobres para as regiões mais ricas. É preciso que a gente prove, na medida em que o Nordeste tenha chance, que o povo do Nordeste é tão ou mais competente que qualquer povo de outra região deste país ou do mundo, e que não precisa dever nada a ninguém.

A pista deste Aeroporto, agora ampliada – foi dito aqui pelos oradores que me antecederam que é a segunda maior; o Prefeito acha que é a primeira,



porque no de Guararapes ainda falta desapropriar um pequeno pedaço – além de dar vazão à capacidade produtiva desta região, pode trazer para cá muitos novos e importantes projetos, para aumentar o crescimento desta região.

Se pudéssemos, companheiro Joseph, a gente não faria um aeroporto tão grande em Petrolina; a gente faria ali, no meio do rio São Francisco, para que ficasse metade de Juazeiro e metade de Petrolina. Mas como o Ministério do Meio Ambiente certamente proibiria, a gente resolveu aproveitar Petrolina, que já tinha uma boa pista e dinamizá-la.

Quero dizer uma coisa, governador Jarbas Vasconcelos: faz um mês e meio, o Primeiro-Ministro do Japão veio fazer uma visita ao Brasil. E eu fiquei sabendo que há 27 anos o Brasil tentava exportar manga para o Japão e ele se recusava a comprar a manga brasileira, dizendo que a gente não tinha o controle fitossanitário do “bicho da mosca” e, portanto, não comprava.

Eu não perdi a oportunidade de fazer com que o Primeiro-Ministro experimentasse a manga brasileira. E cobramos dele a razão por que o Japão não importava manga brasileira, a não ser por compromissos de importadores do Japão com outros países, porque nós poderíamos provar que a manga brasileira é melhor do que qualquer manga produzida em qualquer outra parte do mundo. O dado concreto é que, a partir da visita do Primeiro-Ministro, ele assumiu o compromisso de importar a nossa manga.

Eles também têm dificuldades de importar a nossa carne, possivelmente porque comprem carne de outro país. E nós, que não podemos tratá-los com uma boa picanha, uma boa costela, quem sabe uma buchada, isso não pode oferecer, porque pode prejudicar a saúde do estrangeiro, aqui.

Mas nós vamos para o Japão, em maio, e vamos levar para fazer lá uma boa parte da carne que nós temos aqui de melhor qualidade. Porque não tem nenhuma explicação algum país não querer importar carne brasileira porque teve uma febre aftosa no estado da Amazônia, numa cidade bem longe de Manaus, que possivelmente seja muito mais longe do centro exportador do que



a Inglaterra da Alemanha. Portanto, não tem nenhuma explicação. A nossa explicação, meu caro Amauri, que está aqui representando o ministro Roberto Rodrigues, é que vocês precisam, permanentemente, estar desafiando os empresários brasileiros. Nesse mundo globalizado, ninguém dá colher de chá para ninguém; ninguém vai comprar coisa do Brasil porque tem criança de rua; ninguém vai comprar coisa do Brasil porque tem prostituição infantil; ninguém vai comprar coisas do Brasil porque tem analfabeto. As pessoas vão comprar coisas do Brasil quando a gente souber melhorar a qualidade dos nossos produtos e tivermos ousadia para vender as coisas com muita força lá fora. É por isso que nós resolvemos ter uma política externa muito ousada, para tentar fazer com que o Brasil tivesse uma maior inserção no mundo, para que o Brasil pudesse ter uma maior participação no mercado globalizado.

E, hoje, nós estamos com um compromisso, prefeitos e Governador, de num pequeno espaço de tempo, eu acho que dentro de alguns meses, nós atingirmos a gostosa marca do 100 bilhões de dólares exportados, o que será o maior recorde de toda a história do nosso país. E isso depende de nós, não depende de ninguém. Depende da nossa ousadia, da nossa competência, da nossa perseverança, de nós todos acreditarmos que o Brasil pode colocar os seus produtos e não apenas produtos *in natura* ou matéria-prima, mas colocar produtos com valor agregado. O Brasil tem que provar a si mesmo que ele tem competência para disputar, em igualdade de condições, com qualquer outro setor da sociedade.

E, por último, eu quero dizer para vocês, que durante a campanha eu dizia: se eu for eleito presidente da República e não fizer pelo Nordeste, quem mais fará pelo Nordeste? E por uma razão muito simples. Quando nós resolvemos ter uma política mais ousada para criar campos das universidades federais brasileiras espalhadas pelo Brasil, nós estamos tentando fazer extensão de campos em todas as regiões do Brasil. Não é possível que as universidades federais fiquem só nas capitais e o interior, que muitas vezes



precisa muito mais, e onde a universidade pode ser até uma razão do desenvolvimento daquela cidade, não esteja presente. É por isso que nós resolvemos levar a Universidade Federal Rural para Garanhuns; é por isso que vamos levar a Federal para Caruaru; é por isso que a lei aprovada em 2002, ainda no outro governo, de criar a universidade, aqui, do Vale do São Francisco, este ano já teve vestibular, já vai começar a funcionar para o próximo ano. É por isso que já levamos para o Vale do Jequitinhonha, para o Vale do Mucuri, e vamos levar para outras regiões do Brasil, para que as pessoas do interior tenham possibilidade de ter acesso à universidade sem que uma menina de 18 anos, precise sair do interior e ir trabalhar de empregada doméstica para pagar a sua universidade. É a universidade que tem que chegar até as regiões que mais precisam, e o interior do Brasil do Brasil precisa muito disso.

É por isso que nós vamos fazer a revitalização do São Francisco. Eu não peço a ninguém, que não tem problema d'água, que sinta o drama de quem não tem. Eu peço a compreensão que, nós, com a solidariedade que temos dentro do nosso coração e da nossa consciência, precisamos fazer com que o pouco, uma parte do que a gente tenha, possa chegar a quem não tem.

Se é verdade que Petrolina tem o privilégio de ser banhada pelo majestoso Rio São Francisco, é verdade que no mesmo estado de Pernambuco nós temos regiões em que as pessoas andam léguas e léguas para carregar uma lata d'água cheia de sujeira para beber. E isso nós temos em outros estados brasileiros. E é por isso que, no projeto de revitalização, a gente não vai levar água para irrigar o Nordeste, não, é água, muito mais, para as pessoas beberem, para a gente poder pagar uma dívida que Dom Pedro já queria pagar em 1846, quando pensou, pela primeira vez, no projeto de transposição das águas do Rio São Francisco.

Mas ainda estamos discutindo, com muito carinho, a tão sonhada Transnordestina. A Transnordestina, que quando eu era menino ouvia debates



nos rádios, lá de São Paulo, ouvia os políticos falarem da Transnordestina e que hoje está pior do que já estive em qualquer outro momento da sua história. Na verdade, ela acabou, não é Cleuza? Acabou. E nós, agora, estamos estudando, com muito carinho, vendo se é possível fazermos parcerias com outras empresas, com o BNDES, vendo qual é a viabilidade econômica para que a gente possa, pelo menos nos trechos de maior viabilidade econômica, começar a recuperar a Transnordestina, para ver se daqui a algum tempo temos toda a Ferrovia funcionando, aproveitando tanto o porto de Pernambuco quanto o porto de Fortaleza.

Mas o grande projeto para o Nordeste..., e eu quero dizer meu caro prefeito Fernando Coelho, possivelmente um grande projeto seja lançado no final deste mês ou no começo de dezembro, que é o projeto de Biodiesel. É um projeto que está pensado para o Brasil como um todo, mas de forma privilegiada para a região do semi-árido nordestino e para a região mais pobre do Vale do Jequitinhonha. É a produção de biodiesel, para que a gente possa colocar, inicialmente, 2% de biodiesel no óleo diesel, nos tratores, nos caminhões e nos ônibus, nos motores estacionários; possivelmente, daqui a algum tempo as termoelétricas possam funcionar a gás ou a biodiesel; possivelmente, daqui a algum tempo, os carros brasileiros comecem a funcionar com biodiesel. Porque aí, sim, nós iremos construir, definitivamente, a nossa independência de uma matriz energética importante e poderemos ter, através do biodiesel e do álcool – aprovado o Protocolo de Kyoto pelo Parlamento Russo e, quem sabe, daqui a algum tempo pelo Parlamento americano – um produto de exportação que a gente ainda não tem o tamanho para medir o que isso vai representar para o nosso querido país.

Queremos produzir o biodiesel sobretudo da mamona, para ajudar o pequeno, porque se a gente não pensar bem... está aqui o Amauri que conhece bem. A soja, possivelmente, tem maior produtividade do que a mamona. Mas se a gente permitir que, num primeiro momento, o biodiesel seja



produzido com soja, nós vamos ter os estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e o Mato Grosso produzindo todo o biodiesel, e os coitados do Nordeste, do semi-árido, vão continuar passando fome.

A primeira parcela é a produção de mamona no Nordeste, a produção de dendê no Norte, para que a gente possa desenvolver o biodiesel de uma planta que não precisa de tanta água quanto outras, e que pode ser produzida em milhares de pequenas propriedades.

E esse programa só vai dar certo porque a Petrobras assumiu a responsabilidade de fazer a distribuição, porque na hora em que você está lidando com combustível, precisa garantir que tenha uma distribuição efetiva para chegar em todos os postos, e precisa garantir a cota que a Petrobras precisa para adensar 2% no óleo diesel. E, aí sim, a gente vai poder ver o Nordeste brasileiro, sobretudo a parte mais pobre, ter a oportunidade de se desenvolver.

Eu estou convencido disso e nós pretendemos convidar os governadores e os empresários para o lançamento, porque é um início muito promissor para o Nordeste brasileiro, é um início que vai significar empresas que vão moer a mamoma ou a palma, e isso vai gerar empregos para uma parte da sociedade. É preciso, depois, fazer a distribuição disso via Petrobras e fazer com que esse produto chegue ao tanque dos caminhões, dos ônibus, dos tratores e, quem sabe, num futuro muito próximo, dos carros.

Veja que engraçado, Governador, eu te dizia, agora há pouco: quando você vai conversar com a indústria automobilística brasileira, eles colocam obstáculos em função da necessidade de adaptar o motor a um novo combustível. Mas, na Alemanha, já se produz 1 bilhão de litros de biodiesel para uso dos carros. Eu fiquei sabendo hoje que a França já está testando o Peugeot Citroën com 30% de biodiesel. E na França já estão utilizando, no trânsito comum, 5% de biodiesel no óleo diesel nos carros comuns.



Aqui no Brasil, lamentavelmente, carro é proibido de utilizar óleo diesel, porque nós precisamos importar óleo diesel. Mesmo que a gente seja auto-suficiente em petróleo, na hora em que a gente tirar a gasolina, o que sobra de biodiesel não atende ao mercado brasileiro, portanto, a gente vai ter que continuar importando. O biodiesel pode significar o fim da importação de óleo diesel pelo Brasil e, portanto, a gente vai se tornar mais independente.

Com essas palavras, eu quero dizer a todos vocês, meus companheiros de Pernambuco, do Nordeste, que nós ainda temos muita coisa para fazer. Apenas começamos a fazer. Estamos certos de que o Nordeste brasileiro não pode passar mais o sofrimento que passou nos últimos séculos. Estamos certos de que nós temos que aproveitar a oportunidade agora, utilizar o potencial, utilizar a coisa mais extraordinária que este país tem, que é o seu povo, a criatividade do povo, a facilidade de aprender, a facilidade que o povo tem na hora em que tem uma chance de progredir e dar um salto de qualidade na sua vida.

Esse não é um compromisso de um Presidente, é um compromisso de um retirante nordestino que, em 1952, por falta de oportunidade, foi obrigado a ir para São Paulo. Obviamente que eu não me queixo de São Paulo, porque lá eu consegui chegar até onde estou hoje. Mas quantos tiveram a mesma sorte que eu?

Então, eu acho que este Aeroporto aqui, Fernando Bezerra, pode significar um símbolo, um símbolo de que a partir daqui poderão vir outras coisas para o Nordeste brasileiro; outras coisas que possam dar ao Nordeste brasileiro a chance que ele precisa para se tornar uma região rica, próspera, geradora de empregos. E eu sonho um dia, não que o nordestino continue indo para São Paulo para sobreviver, eu quero que o nordestino vá para São Paulo como turista. O que eu quero é que aqui a gente ofereça oportunidade de trabalho, para que os nordestinos que estão sofrendo longe da sua terra natal possam voltar de cabeça erguida, que aqui eles possam ter trabalho, receber



um salário e criar a sua família com dignidade. É isso que eu desejo para o Nordeste brasileiro, é isso que eu desejo para o Brasil e é isso que eu quero dar como contribuição.

Muito obrigado e boa sorte.

Meus parabéns prefeitos, meus parabéns Governador, e meus parabéns Carlos Wilson, pela construção deste extraordinário Aeroporto.